

Interior da egreja da Batalha

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DA VICTORIA VULGARMENTE CHAMADO DA BATALHA

(Vid. pag. 123)

V

EXTERIOR DO TEMPLO

Pedia, talvez, a melhor ordem d'este nosso trabalho que fizessemos preceder á descripção do monumento os nomes dos architectos que deram a traça e dirigiram as obras. Porém preferimos deixar para o fim esse catalogo, por duas razões que julgâmos ponderosas. Primeiramente porque, sendo assumpto de controversias quem foi o architecto que fez a planta e dirigiu as obras em seu principio, em vez de uma simples resenha de nomes, será forçoso escrever um longo capitulo em que teremos de recorrer á historia do paiz, da arte e do proprio edificio, para refutar ou fundamentar opiniões; o que de certo tem um logar mais adequado ao cabo da descripção, e da collecção de gravuras com que nos propomos fazer conhecido dos nossos leitores este sumptuoso monumento. Além d'isto, sendo justo que accrescentemos aquelle catalogo com os nomes de outros artistas distinctos que alli deixaram padrões do seu talento, tambem pede a boa razão que os nomêemos depois de fallar das suas obras.

Tempo é, pois, de nos occuparmos da parte material d'esse monumento, trophéo da gloria militar e artistica de Portugal.

A fachada principal do templo está voltada para oéste, e deita para um adro pouco espaçoso, e mais baixo que o terreno que o cérca. Primitivamente estava o adro desaffrontado, porém as chuvas do inverno, no decurso do tempo, foram arrojando sobre o edificio tal quantidade de terra por effeito da sua situação mui baixa, que lhe obstruiram os adros das portas principal e travéssa, bem como a base das frontarias da egreja.

Esta circunstancia obrigou os frades, para evitar maiores despezas, a construir em volta dos ditos adros um pequeno muro, que lhe deu a apparencia de um tanque, para o qual se descia por uma escada de varios degraus.

Ao presente acham-se desembaraçadas do entulho, e completamente descobertas as bases das fachadas do templo, e o adro principal alargado, e guarnecido, em vez de muro, com gradaria de pedra, decorada de pyramides, no mesmo gôsto das que ornam o edificio.

Todas as pessoas entendidas, tanto nacionaes como estrangeiras, que tem visitado o monumento da Batalha, collocam-n'o entre os mais perfeitos typos do gothico puro que ha na Europa. Dão-lhe direito a este logar a nobreza e elegancia das fórmas, a severidade das linhas, a belleza e sobriedade dos ornatos, a perfeição com que tudo está acabado, e, finalmente, a singular harmonia que reina em todas as suas partes.

Não é preciso ser muito versado nos estudos de architectura para conhecer, logo ao primeiro relancear de olhos, essa admiravel unidade de pensamento que presidiu á edificação do templo, unindo todas as suas partes nas mais estreitas e intimas relações.

A frontaria principal do templo é tão formosa quão singela. Não procurou o architecto sobrecarregal-a de ornamentos superfluos, como se vê na maioria dos edificios gothicos, e com os quaes muitas vezes se pretende occultar ou disfarçar faltas de boas proporções, ou outros defeitos não menos graves. Pelo contrario, ornando com mais esmero a porta e janellas, sem deixar inteiramente nua de adornos a parede correspondente á nave principal, deu realce ao esbelto prospecto do templo, conservando-lhe a magestade de estilo severo e simples.

O portal é formado de muitas columnas, d'entre as quaes resaltam numerosas estatuas dos apostolos e de outros santos, collocadas sobre peanhas, e debaixo de baldaquinos, tudo aberto em rendas e lavrado de silvas e arabescos.

A grande janella que fica sobre o portal é uma obra de extraordinaria belleza e de incrivel trabalho. Com razão diz fr. Luiz de Sousa, o elegante chronista da ordem dominicana, descrevendo esta janella, «que se não podia obrar com mais subtileza e cuidado em trancinhas de agulha, ou em lavor de cera, ou no espelho de uma viola», o que o cinzel alli fez na pedra. E, continuando, accrescenta: «Os vãos que na viola ficam abertos para dar logar ás vozes que fórma no interior, ficaram cá cerrados de vidraças... debuxadas todas de côres finas e pinturas várias de armas e divisas do reino, de tenções e emprezas delrei. E como são muitos os vãos, porque o circulo é muito dilatado, communica dentro muita claridade, e paga com a graça das côres o que ellas lhe diminuem na pureza da luz. Mas faz pasmar a firmeza com que se mantem obra tão miuda tantos annos ha em logar tão alto.»

Esta parte do frontispicio é coroada com uma renda ou grade de bonito feitio e delicado lavor, flanqueada de pyramides guarnecidas de esculpturas a modo de plumagem. Aos lados do portal encostam-se á parede, subindo até á ogiva da janella, dois gigantes ou botaréos, decorados singelamente, e com eguaes pyramides por coroa.

As outras duas janellas que se abrem n'esta fachada pertencem ás naves lateraes do templo, que são muito mais baixas do que a nave central. N'estas janellas, além das columnas que as guarnecem e dividem, só as bandeiras ostentam os delicados lavores da janella principal.

As naves lateraes tambem são coroadas de graciosas rendas, e flanqueadas de gigantes com suas pyramides, porém aquelles inteiramente despidos de ornatos [1].

As fachadas lateraes da egreja não são menos nobres e bellas. A do lado do norte cae sobre o claustro real, e a da parte do sul deita para uma rua da villa. É esta ultima a que se vê representada a pag. 4 e 5. Compõe-se este lado do monumento dos dois corpos das naves central e lateral, do cruzeiro e da capella-mór.

A nave central é toda rasgada em dezeseis formosas janellas, oito por banda, com suas divisões de columnas e bandeiras de pedra rendilhadas, correndo-lhe por cima a mesma gradaria que coroa a fachada principal, egualmente decorada de pyramides.

As naves lateraes contam quatro janellas menos, porque o espaço d'estas, na do lado do sul, é occupado com a capella sepulchral, chamada *do Fundador*. As janellas d'estas duas naves são eguaes em feitio ás que lhe ficam superiores, porém de maiores dimensões. Corre-lhe por cima a mesma coroa de grades e pyramides. Entre as janellas das naves lateraes erguem-se gigantes ou botaréos, que correspondem ás pyramides das grades, junto das quaes pyramides se apoiam os gigantes ou botaréos vasados e abertos em quarto de circulo, e guarnecidos de recortes, que servem de sustentaculo á nave central, prolongando-se em todo o seu comprimento, e nascendo da parte superior da parede, entre as janellas e contiguo á base das pyramides que decoram a gradaria da dita nave central.

O cruzeiro, do lado da fachada do sul, apresenta um prospecto tão bello e gracioso, que o poderia desejar para sua frontaria principal qualquer sé com pretenções de sumptuosa. A porta travéssa e uma grande e formosa janella tomam a frente do cruzeiro em quasi toda a sua largura, e diriamos toda exclusivamente, se não fossem os gigantes ou botaréos que a robustecem por ambos os lados, e a renda de pedra que a coroa, juntamente com os esbeltos e floreados coruchéos em que terminam os gigantes. A porta travéssa é muito differente da principal, mas de um risco tam-

[1] Vid. a gravura a pag. 1.

bem elegante, e com tal combinação nos ornamentos, que, apesar de ser toda coberta de brincados e variados lavores, póde-se dizer que está decorada com elegancia e singeleza. Quanto á janella, todo o seu luxo consiste, além das columnas que a formam, na bandeira, que é uma renda de graciosa invenção e de subtil lavor, sustentada por delgadas columnas que dividem as vidraças, que são de côr.

No lado opposto do cruzeiro abre-se uma janella similhante a esta no feitio, porém mais pequena, por causa do altar que lhe fica por baixo em correspondencia á porta travéssa. Tem o cruzeiro mais quatro janellas eguaes ás da nave central, duas que deitam sobre a cobertura das naves lateraes, e duas sobre as abobadas das capellas do mesmo cruzeiro, collateraes da capella-mór.

Tem a capella-mór a fórma polygonal, e por coroa a mesma renda de pedra e coruchéos floreados que servem de remate aos gigantes que a cercam, no intervallo das janellas. Nas paredes lateraes abrem-se as janellas na parte superior, deitando sobre as coberturas das capellas do cruzeiro. O fundo da capella-mór é todo rasgado de alto a baixo, em dez janellas dispostas em duas ordens, as cinco superiores muito grandes, indo acabar nos gomos da abobada; as outras cinco mais pequenas.

Visto de cima da abobada, apresenta o templo a fórma de uma perfeita cruz, sendo feita a haste pela nave central do corpo da egreja, os braços pelo cruzeiro, e o prolongamento da haste pela capella-mór. As abobadas das tres naves, do cruzeiro e da capella-mór, são cobertas por lageas ou telhões de pedra. Dão accesso para estes terrados duas escadas em helice, com cento e vinte degraus cada uma, abertas no grosso das paredes do cruzeiro, onde tem a entrada; e cuja cobertura são elegantes e altas pyramides, ou coruchéos todos arrendados e lavrados com diversidade de esculpturas.

VI

INTERIOR DO TEMPLO

O aspecto grandioso e bellezas externas do edificio parece prepararem, é certo, o viajante para a perspectiva que o interior do templo lhe vae offerecer. Todavia, a impressão que se sente ao transpor o limiar da porta é tal como se nada nos houvesse disposto para o maravilhoso quadro que se patenteia de subito aos nossos olhos.

É aqui que se revela com mais clareza o pensamento elevado e nobre do architecto; a sabedoria com que calculou as proporções de cada uma das suas partes; a com que uniu todas em um laço de perfeita homogeneidade; e, finalmente, a arte e o bom gosto com que distribuiu os ornamentos, alliando a magnificencia com a singeleza, de modo que esta não fica prejudicada com a riqueza dos ornatos, nem estes desdizendo das fórmas severas do todo.

Contemplando a austera magestade do templo; fitando a vista n'aquella longa serie de grossos pilares que dividem as naves, compostos de esbeltas e delgadas columnas, que sobem desde o pavimento até á abobada, lisas e singelas como a verdade revelada pelo Salvador, o nosso espirito eleva-se naturalmente até ao ceo, e possue-se de verdadeiros sentimentos religiosos. A sua attenção não é absorvida, nem sequer desviada d'esses sentimentos pela profusão dos adornos, imagem real dos prazeres e vaidades do mundo. Mas para que esta nobre simplicidade se não convertesse em monotonia, para que tal sobriedade de ornatos não parecesse pobreza, achou o architecto meio de distribuir ornamentos, enriquecendo o templo sem desvirtuar, antes fazendo sobresair essa simplicidade que o nobilita, e que tão perfeitamente quadra com os augustos mysterios da nossa religião. As janellas, unicamente as janellas, foram os logares que o architecto escolheu para dispor esculpturas e paineis, que deram singular realce a toda a fabrica interior.

As cincoenta janellas em que estão rasgadas todas as paredes da egreja, ostentando os mais graciosos e delicados lavores que o cinzel póde esculpir na pedra, e projectando através das côres variegadas dos vidros essa frouxa luz mysteriosa, tão cheia de religião e poesia, produzem um effeito admiravel, sobre tudo as que circundam a capella-mór, fazendo-lhe um fundo transparente de vivas côres.

Tem o templo de comprimento, desde a porta principal até ao fundo da capella-mór, 80^m,29, dos quaes pertencem ao corpo da egreja e cruzeiro 66^m,66. O comprimento do cruzeiro, desde a porta travéssa até ao altar de Jesus, é de 33^m,30.

A nave central, com 32^m,46 de altura, e 7^m,44 de de largura, é sustentada e dividida das naves lateraes por dezeseis pilares, oito por banda. Os pilares, cujas bases quadrangulares contam 2^m,66 por cada face, são formados por varias columnas de fustes delgados e lisos, com os capiteis ligeiramente decorados de delicados lavores. Os arcos da nave do meio, bem como os que dividem os gomos das abobadas das tres naves, formando as arestas resaltantes, são inteiramente lisos. Apenas nos remates ou fechos, onde se unem os arcos no centro dos espaços rectangulares comprehendidos entre cada quatro pilares, resaltam engraçados e bem trabalhados florões.

As paredes das naves lateraes, que as janellas deixam livres, são egualmente lisas; um só portal se abre n'ellas; é o que dá entrada para a capella do Fundador.

Encontram-se duas sepulturas no corpo da egreja: uma no pavimento contiguo á porta principal, outra junto do portal que dá entrada para a capella do Fundador. Aquella tem esculpida na campa a seguinte inscripção: *Aqui jaz Matheus Fernandes, mestre que foi d'estas obras, e sua mulher Isabel Guilhleme, e levou-o Nosso Senhor a dez dias de abril de* 1515: *ella levou-a*... A segunda sepultura é egualmente raza. Está ornada de varias esculpturas, com a letra d, allemã minuscula, relevada no centro da campa, e despedindo raios para toda a orla da sepultura, onde se vê muitas vezes repetida a mesma letra. Descança n'este logar o insigne varão Diogo Gonçalves de Travassos. O epitaphio acha-se em uma lapida embebida na parede proxima, e diz assim:

Em nome do padre do filho, e do sancto spirito amem.

Em o anno do nascimento de nosso senhor Jhu Xpõ de mil e quatro centos... annos foi lançado só esta grande pedra o corpo de diogo gonsalves de travaços cavaleiro cryado do mui grande rey elrey dom Johann de muy alta e muyto splandecente, e duravell memoria, cuja alma eternalmente regne com a san... ...dad... ...nselho do muy alto e muyto poderoso senhor elrey dom affonso o quinto, e do... magnifico e grande senhor de louuada prudencia Iffante dom pedro duque de...... e regedor das terras do dito senhor, e ayo do muyto excellente principe senhor dom pedro daragam, condestabre dos regnos de portugal, e senhorio, e dos illustres senhores dom Jaymes e dom Johan seus irmãos.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

FRAGMENTOS DE UM ROTEIRO DE LISBOA (INÉDITO)

ARSENAES

(Vid. pag. 145)

FUNDIÇÃO DE CIMA

É um edificio bastante elevado, antigo, e reconstruido em diversas epochas, mas sem belleza ou merecimento algum architectonico.

Está situado em logar alto, e em frente da egreja não concluida de Santa Engracia.

É este talvez o estabelecimento publico da capital menos conhecido, não só dos viajantes estrangeiros, mas até dos nacionaes, sem exclusão dos proprios filhos de Lisboa; e todavia encerra algumas curiosidades que se podem contar entre as mais dignas de attenção e de exame que a mesma cidade possue. Consistem essas curiosidades no modêlo da estatua equestre del-rei D. José I, na fôrma em que se fundiu, e nos fornos em que se derreteu o metal. Estes tres objectos, que se conservam taes quaes serviram para a fundição d'aquella magnifica estatua, são honrosos padrões, que alli estão dando testimunho do adiantamento a que chegámos no seculo passado n'este ramo importante da arte e da industria.

O modêlo é de madeira e gesso. Foi feito com toda a perfeição pelo distincto esculptor Joaquim Machado de Castro, e é exactamente egual em proporções á que vemos de bronze na praça do Commercio. Occupa o centro de uma sala circular, com uma varanda em torno, a meia altura das paredes, para ahi se poder examinar com mais miudeza a parte superior do colosso, onde se admiram mui delicados lavores, que mal se podem descobrir na estatua de bronze pela muita elevação em que se acha.

O cavallo e o cavalleiro tem 31 palmos de altura; O pé d'este ultimo tem 3 palmos de comprimento; a perna até ao joelho 7 palmos, e 11 a espada que lhe pende ao lado.

Joaquim Machado de Castro foi chamado de Mafra, onde se empregava na esculptura dos retabulos das capellas da sumptuosa basilica de D. João V, para se encarregar de fazer o modêlo da estatua equestre, em novembro de 1770. No mez seguinte começou o primeiro modêlo, que foi feito em cêra, com dois palmos de alto, sendo todo doirado. No dia 21 de março de 1771 levou Machado de Castro este modêlo ao paço, onde tambem concorreu um esculptor, natural da ilha de Malta, com outro modêlo, egualmente de cera.

Depois de examinados por el-rei D. José, pela rainha D. Marianna Victoria, e por toda a familia real, ministros e mais pessoas da corte, foi escolhido o modêlo de Machado de Castro, o qual existe e se guarda como uma curiosidade muito apreciavel em uma sala do palacio do sr. marquez de Pombal em Oeiras.

No dia immediato ao da exposição dos modêlos no paço ordenou o grande marquez de Pombal a Machado de Castro que principiasse immediatamente a obra, e não levantasse mão d'ella até a concluir no mais breve espaço que fosse possivel. Antes, porém, de executar o modêlo que havia de servir para a fundição da estatua, fabricou o insigne artista outro de barro, com quatro palmos de altura, que submetteu á approvação régia em junho do dito anno de 1771.

O grande modêlo em gesso teve principio no dia 16 de outubro do mesmo anno, e apesar das suas proporções gigantescas e dos muitos e variados lavores de subtil delicadeza que adornam principalmente o capacete del-rei, e os arreios do cavallo, ficou acabado aos 10 de março de 1772, em pouco mais de cinco mezes.

Encarregada a operação da fundição ao general Bartholomeu da Costa, tratou este logo de tirar a fôrma da estatua, e dispor os mais trabalhos preliminares da construcção do esqueleto ou armação de ferro, com 100 quilates de peso, que havia de ficar dentro do bronze, e da incrustação das ceras, nas quaes o esculptor fez os ultimos retoques. N'este trabalho de esculptura consumiram-se dois mezes e sete dias, desde 11 de outubro até 18 de dezembro de 1773. Nos mais trabalhos preparatorios ainda se gastaram os dez mezes seguintes, de modo que a fundição só foi possivel effeituar-se no dia 15 de outubro de 1774.

Derretidos no forno 656 ½ quintaes de bronze, abriu-se o dique e o metal correu todo pela fôrma, entrando n'ella pelos innumeraveis gitos ou canaes, que a circumdavam por todas as suas partes, dando ao mesmo tempo saida ao ar.

Decorrido o tempo preciso para se coagular e arrefecer o metal, extrahiram-se as terras da cova em que a estatua fôra fundida, e, desfeita a fôrma, appareceu o colosso de bronze completo e perfeito, sendo porém necessario despojal-o das ramificações dos gitos, que como troncos de arvore lhe saiam de todos os lados. N'esta operação e nos mais retoques essenciaes á perfeição da mesma estatua, trabalharam Machado de Castro e mais oitenta e tres operarios por espaço de sessenta e tres dias.

No dia 18 de outubro, tres dias depois da fundição, foram ver a estatua o marquez de Pombal, todos os ministros estrangeiros, e um grande numero de pessoas da corte.

O periodo que decorreu desde 18 de novembro de 1774, em que se ultimaram os trabalhos de cinzeladura e mais aperfeiçoamentos da estatua, até ao meiado de maio de 1775, foi empregado na construcção do carro que havia de transportal-a, e das machinas que a deviam suspender no arsenal para ser posta sobre a zorra de transporte, e levantar na praça do Commercio para ser collocada em cima do pedestal.

No dia 15 de maio foram vel-a ao arsenal, estando ainda na cova, el-rei, a rainha, e toda a familia real.

Machado de Castro, que até alli só ouvíra elogios de todos os que tinham ido admirar a sua obra, teve o desgosto de ouvir da boca da rainha que o rosto del-rei *estava horrendo*. O insigne artista recebeu em silencio a censura da soberana. Depois dirigiu-se ao monteiro-mór mostrando-lhe, para que informasse a rainha, como aquella opinião desfavoravel de sua magestade era causada pelo mau ponto de vista d'onde observára a estatua.

Nos quatro dias seguintes esteve exposta ao publico a estatua equestre. Suspenderam-n'a da cova em que fôra fundida no dia 20, e no dia seguinte collocaram-n'a sobre o carro em que devia ser conduzida. Finalmente, no dia 22 começou a mover-se para a praça do Commercio, sendo puxada por mais de mil homens. O juiz do povo com os deputados da casa dos vinte e quatro, os juizes e eleitos das bandeiras dos officios, a corporação das obras publicas e outros funccionarios pegavam em cordões de seda vermelha. Gastou no trajecto tres dias e meio, e para o facilitar abriu-se a *calçada Nova*, de que fallámos na segunda parte d'este capitulo, e demoliu-se quasi todo o arco chamado *Porta da Cruz*, que fôra uma das portas da antiga cêrca de muros da cidade. D'esta porta, reconstruida em tempo del-rei D. João V, resta ainda a metade do lado do norte, em que se vê uma columna de ordem dorica, e parte do frontão, encostados ao cunhal do palacio denominado do *Secretario de Guerra*, no alto da referida calçada.

A direcção do transporte foi encarregada ao architecto das obras publicas Reinaldo Manuel dos Santos, que a desempenhou excellentemente.

Na tarde do dia 27 foi elevada a estatua e collocada no pedestal por meio de um apparelho tão singelo quanto engenhoso, da invenção de Bartholomeu da Costa, e cujo modêlo se conserva no museu da *fundição do Campo de Santa Clara*. Esta operação foi dirigida por João dos Santos, sota-patrão do arsenal da marinha.

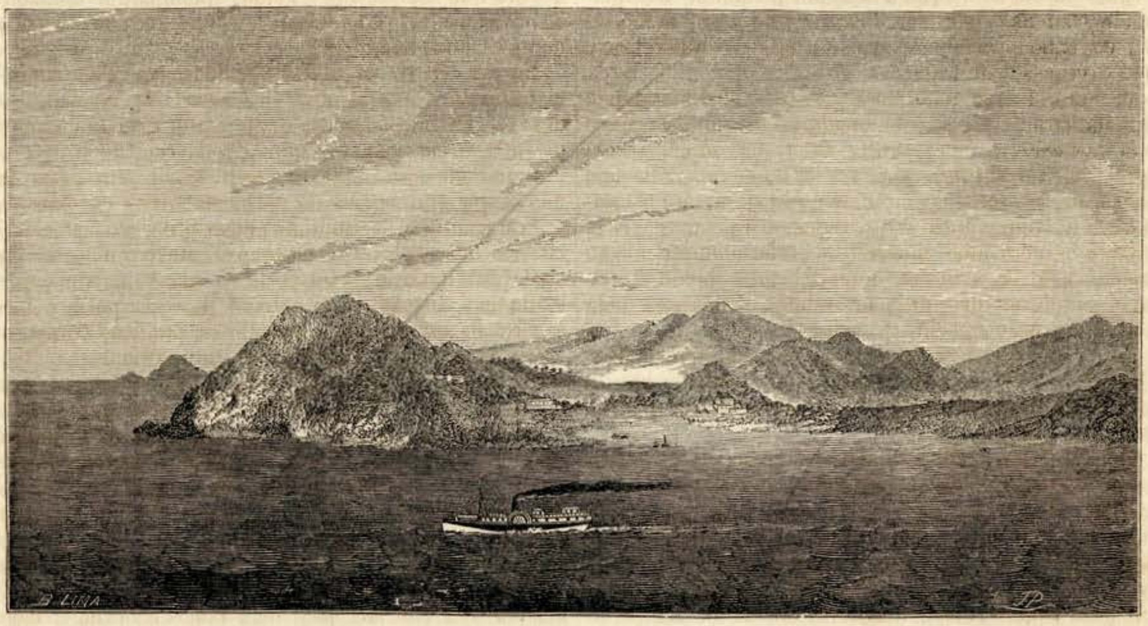
Machado de Castro dirigiu a collocação da estatua no pedestal. Succedeu, porém, que, achando-se em um andaime, d'onde observava os trabalhos, como visse que o colosso não ficava na posição conveniente, desceu e quiz entrar, para melhor dar as suas ordens, dentro do cordão formado pela tropa para conter o

povo; mas o official, cumprindo á risca a ordem que recebêra de não deixar entrar pessoa alguma para dentro d'aquelle circulo, surdo a todas as razões que lhe apresentava Machado de Castro, obstinou-se a impedir-lhe a entrada. Resultou d'isto ficar a estatua equestre um pouco mais inclinada para o lado esquerdo.

A estatua foi conduzida para a praça envolta em pannos que a occultavam completamente. No dia 6 de junho, anniversario natalicio del-rei D. José I, celebrou-se o acto solemne da inauguração, descobrindo-se o monumento na presença do monarcha, de toda a corte, e de um immenso concurso de povo, ao som das musicas, das acclamações e das salvas de artilheria das fortalezas e navios de guerra [1].

A fôrma em que se operou tão difficil operação é obra do tenente general Bartholomeu da Costa. Foi feita de certa composição de barros e outros mixtos. Depois da inauguração da estatua equestre foi reconstruida para alli ficar como memoria d'aquella fundição.

Existe no mesmo estabelecimento, e é digna de ser



Ilha de Sanchoão, na China

vista pela perfeição do trabalho, uma collecção de modêlos de estatuas, bustos, medalhas, castiçaes e outros objectos que tem sido fundidos em bronze ou prata, nas suas officinas.

Posto que se dê o nome de *fundição* a tres differentes estabelecimentos do arsenal do exercito, é n'este, de que nos occupâmos, que se acham as officinas de fundição. Além d'estas, tem varias outras officinas concernentes ao armamento e equipamento do exercito.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

ILHA DE SANCHOÃO, NA CHINA

Representa a estampa a ilha de Sanchoão, onde morreu e teve a primeira sepultura o insigne S. Francisco Xavier, bem conhecido pelo cognome de apostolo do Oriente, onde tantas maravilhas operou nos dez annos que missionou na India e no Japão. Quando se dispunha a penetrar na China, objecto de seus ardentes desejos, morreu quasi ao desamparo na então deserta ilha de Sanchoão, a 2 de dezembro de 1552, na edade de 46 annos.

O vapor que se vê no desenho é o que conduziu ao antigo sepulchro do santo a ultima romaria ida de Macau, em novembro de 1864, da qual daremos em breve circunstanciada noticia n'um artigo especial. O logar da sepultura é a pequena parte esbranquiçada que, a mais de meia encosta do monte á esquerda do espectador, corresponde perpendicularmente á proa do vapor.

N'esta ilha de Sanchoão fizeram os portuguezes por algum tempo commercio com os chins, antes de passarem a Lampacau, e depois a Macau, d'onde começaram a ir ás feiras de Cantão.

RODRIGO DA FONSECA MAGALHÃES

(Vid. pag. 121)

II

Rodrigo da Fonseca Magalhães nasceu em Condeixa a 24 de julho de 1789 [2]. Em epocha singular e assignalada pelo maior successo politico da moderna historia veiu ao mundo aquelle homem, que, a passos contados, havia de caminhar até ao ponto d'onde a luz do seu engenho, e a harmoniosa torrente da sua palavra, podessem esclarecer e vivificar as mais graves questões do governo portuguez.

Nascia cabalmente no mesmo anno e no proprio mez em que a democracia, desde longos tempos ar-

[1] Em outro capitulo do nosso roteiro de Lisboa tratámos com mais miudeza do monumento, e das magnificas festas com que foi celebrada a sua inauguração.

[2] Na redacção d'este escripto seguimos, quanto ás datas e acontecimentos anteriores aos tempos em que Rodrigo da Fonseca principiou a figurar nos mais altos logares da vida publica, os apontamentos biographicos com que, em uma sua carta, nos favoreceu o nosso amigo, o doutor Thomaz d'Aquino de Carvalho, cuja morte succedeu poucos annos á do benemerito estadista portuguez. Era o doutor Thomaz d'Aquino de Carvalho, a cuja memoria nos é grato consagrar aqui estas poucas linhas de saudosa commemoração, lente de prima da faculdade de mathematica da universidade de Coimbra, do conselho del-rei e par do reino. Prezavam-n'o os seus amigos e quantos entravam em sua conversação e frequencia, pela franca sinceridade e lhaneza do seu caracter, e pela affabilidade do seu trato. Fôra desde os primeiros annos companheiro e amigo de Rodrigo da Fonseca nas lides academicas e nas fadigas da vida militar. Ligára-os a ambos estreita e leal confraternidade, que durou ininterrupta até aos ultimos momentos do estadista. Quando a academia real das sciencias nos fez a honra de eleger-nos para compor e recitar em sessão publica e solemne o elogio de Rodrigo da Fonseca, pedimos nós ao doutor Thomaz d'Aquino, como a quem podia ser fidelissimo chronista do eximio orador portuguez, nos narrasse breve e summariamente os fastos de uma vida quasi inteiramente consagrada, como fôra a de Rodrigo, ao serviço da nação. Deferiu gostoso o velho cathedratico a nossa instancia, e as particularidades que se contém no seu manuscripto, e que não poderam caber no elogio academico, as vamos agora aproveitar n'esta noticia biographica, que póde servir de commentario e supplemento ao laconismo d'aquelle panegyrico, onde apenas ficou delineado o perfil de Fonseca Magalhães.

mada para o combate, saia finalmente a campo, e pedia o seu logar na sociedade transformada. Parece que a onda popular, que levára na sua resaca impetuosa o sinistro monumento da Bastilha, passára perto do berço onde, poucos dias depois, se abrigava uma das futuras glorias de Portugal, e depositára junto d'elle os germens fecundos da liberdade. Tal foi, durante os mais verdes annos de Rodrigo, na edade varonil, e nos annos mais provectos, o amor e devoção com que elle se manteve leal e fidelissimo ás idéas capitaes da renovação politica operada no seculo XVIII, e continuada com varia fortuna na edade em que vivemos.

São pouco noticiosas as memórias que de seus primeiros annos legou a tradição. É provavel que tão feliz engenho principiasse desde a infancia a revelar-se em precoces manifestações. Sabemos que na terra da sua naturalidade aprendêra as primeiras letras e a lingua latina sob a direcção de um clerigo, que havia pertencido á Companhia de Jesus, e era citado pela sua varia e profunda erudição, e venerado pelo seu caracter e virtudes. Quaesquer que fossem as ambições politicas e os erros mundanos do famigerado instituto de Santo Ignacio, se a sua abolição foi no seculo passado aconselhada, pela exaggerada influencia com que os jesuitas se esqueciam do seu officio espiritual e evangelico, para se mesclarem nas intrigas das côrtes, e nos interesses mundanos e temporaes, não se póde, sem flagrante iniquidade, contestar que no seio da Companhia floresceram em Portugal e fóra d'elle muitos homens eminentes em letras e piedade, e que, sob seu magisterio e direcção, se formaram alguns dos mais peregrinos entendimentos que no seculo irradiaram a luz intensa da moderna renovação politica e intellectual.

Devia ser efficaz e substanciosa a doutrinação do velho jesuita, a julgar pela cópia de boa erudição latina, de que Rodrigo deu sempre documentos, deliciando-se, mesmo no trafego agitado da vida parlamentar, em versar os primorosos escriptores da boa latinidade, e em estudar com esmerada predilecção as humanidades, de que foi sempre benemerito cultor.

Refere-se que desde os primeiros tempos de ensino primario começou a dar brilhantes mostras do seu nativo engenho e curiosidade na leitura. Os historiadores e poetas portuguezes recreavam já as suas horas de ocio, assim como ao depois, nos annos já maduros, lhe haviam de ser desenfado predilecto ás fadigas do governo.

A pouca distancia a que ficava a terra do seu berço da antiga metropole das letras e sciencias, facilitou a Rodrigo da Fonseca o ir continuar os seus estudos na universidade de Coimbra. Ia já versado nas letras latinas, mas cumpria-lhe cursar o que lhe ainda faltava das que se chamavam então humanidades, a philosophia, a rhetorica, em que um dia tinha de ser mestre consummado e correcto exemplar.

Fazia então parte da universidade conimbricense o celebre instituto conhecido pelo nome classico de *collegio das artes*, e pela antonomasia popular de *pateo*, pelo sitio onde ficavam as aulas d'aquelle estabelecimento. Alli se professavam e alli floresciam as letras humanas, depois de melhorado o seu ensino pela sábia reformação com que, no seculo passado, as favoreceu o maior estadista portuguez.

Sendo ainda de poucos annos, dava Rodrigo da Fonseca mostras evidentes da sua feliz applicação nos cursos que seguia, e nos certames litterarios em que revelava a inspiração da sua musa. Era n'aquelle tempo consagrada esta especie de cavallaria litteraria, em que os talentos mais fecundos iam em busca de inoffensivas aventuras nos festejados outeiros e abbadessados. Estavam em plena florescencia estas como *cortes de amor*, em que os engenhos mimosos se exercitavam á porfia na arte difficil e brilhante de improvisar. Rodrigo era um dos mais promptos n'este genero de trabalho intellectual.

Eram acolhidas com applauso as composições do humorista juvenil, e passavam de mão em mão, ainda antes de confiadas á estampa. Iria, por ventura, em muitas d'ellas mais de um atomo d'este sal attico, dar-lhe-hia lustre alguma d'estas chispas epigrammaticas, em que até aos annos derradeiros se comprazia o festejadissimo orador. Algumas d'aquellas primeiras composições, e outras que escreveu frequentando já os estudos maiores da universidade, saíram depois impressas, e serviram de fundamento ao conceito em que foi tido sempre o peregrino engenho do seu auctor.

Havia n'aquelles tempos dois caminhos a seguir para aquelles que desejavam ascender ás maiores dignidades pelo cultivo do entendimento: a egreja e a magistratura. A familia de Rodrigo preferíra consagral-o á vida clerical, augurando porventura do muito que já valia o seu talento, quanto poderia ennobrecer o pulpito com a sua palavra, e subir por seus proprios meritos ás eminencias do episcopado.

Era o animo de Rodrigo pouco propenso ás austeridades do estado ecclesiastico. Tentavam-n'o como a Talleyrand, o antigo bispo de Autun, com maior encanto e seducção, as agitações da vida politica, os lances do governo, as glorias da republica, do que a luzente pedraria das mitras e a pacifica auctoridade do principado espiritual. Provavelmente, por obedecer aos desejos dos seus parentes, matriculou-se no primeiro anno do curso theologico. Apesar de que o temperamento do seu espirito se comprazia em estudos onde a razão tivesse campo mais extenso, accommodou-se, como succede aos talentos eminentes, á sciencia a que o forçavam, e nos dois annos que frequentou deixára perceber, pela distincção dos seus estudos, que teria a egreja de aproveitar n'elle um bom theologo, se a sua consciencia lhe não dictára a incongruencia da sua vocação com a vida clerical.

Resolveu, pois, Rodrigo da Fonseca descontinuar os estudos theologicos para seguir outra carreira mais conforme ás suas naturaes inclinações. Elegeu as faculdades de sciencias exactas e naturaes, não se sabe ao certo se com intento de formar-se em qualquer d'ellas, ou de tomar grau na faculdade de medicina. Matriculou-se, pois, no primeiro ânno da faculdade de philosophia.

Durante o estudo das sciencias nas tres faculdades que encetára, não deixou Rodrigo da Fonseca de exornar o seu espirito com os thesoiros litterarios que encontrava na leitura dos grandes poetas e prosadores, preparando-se por tal feição para as emprezas politicas e oratorias, a que, de certo sem o presentir, o estava já destinando a sua feliz estrella.

(Continua) J. M. Latino Coelho.

A POESIA NOS CAMPOS

(Vid. pag. 146)

A machina, o vapor, a officina, n'uma palavra — a industria — são a negação da poesia. Como as flores, o coração carece de ar, de sol, de largos horisontes. É na contemplação constante das maravilhas da natureza que a alma se afina e desata em canticos. A terra que o arado sulca, hoje ingrata ámanhã próvida, até com as suas esquivanças nos captiva. A industria é o indicador seguro do progresso das nações: a agricultura o sanctuario e reconforto da poesia nacional. Na industria reflecte-se o caminhar incessante da humanidade, nos campos aprende-se a amar a patria, a querer-lhe, a defendêl-a, a cantal-a nas horas de angustia e de provação. A industria póde quando muito servir de thema á poesia didactica: o campo de inspiração á elegia e ao amor. Se o estrangeiro

invade a terra da patria, é do conductor pacifico da charrua que sae o primeiro gemido, é d'elle ainda que sae o ultimo canto da victoria. Antes, porém, de estudarmos a poesia dos campos nas suas patrioticas manifestações, acompanhemol-a por ora na intimidade do viver domestico, e nas variantes infinitas das suas laboriosas fadigas.

Accusem-me muito embora de paradoxal, nego que a ecloga e o idyllio sejam a traducção dos sentimentos robustos do homem que tem por musa os esplendores do ceo, e eleva o espirito acima das miuçalhas com que os classicos rechearam a chamada poesia pastoril. A mythologia, povoando os campos de Satyros, de Faunos, de Nimphas e de Sylvanos, não deixou n'elles logar para o homem. O triumpho que obteve a idéa christã foi tambem a rehabilitação da verdadeira poesia, da que rejeita os symbolos amortecidos do paganismo, e nos dois marcos extremos da vida — berço e campa — estreita quantos affectos o coração humano póde dar:

Das lagrimas faço contas,
Com que rezo ás escuras:
Ó morte que tanto tardas!
Ó vida que tanto duras!

Insistir em demonstrar a delicadeza de pensamento que esta quadra em si envolve, sería desconfiar sem razão do tacto artistico dos nossos leitores. Rezar com as lagrimas é depurar o coração de todo o fel, é aproximar-se em vida da bemaventurança eterna.

É quasi sempre de improviso que o homem do campo denuncia os seus poeticos instinctos. Ahi vae uma amostra brilhante da espontaneidade do nosso povo para os certames da palavra, e uma prova tambem da sobranceria com que o sexo fraco acolhe não poucas vezes as supplicas humildes dos seus admiradores. Como já se deve ter suspeitado, é de dois namorados, que não timbram pela constancia, que o seguinte dialogo traduz sem hesitação o crer e o pensar:

ELLE

Façamos, meu bem, as pazes
Como foi da outra vez;
Quem quer bem sempre perdôa
Uma... duas... até tres.

ELLA

Não quero fazer as pazes
Como foi da outra vez;
Quem quer bem nunca offende
Nem uma... quanto mais trez.

É força confessar que a logica estava toda da parte da aggravada. Ella bem sabia que cesteiro que faz um cesto faz um cento, e por isso se acautellava contrapondo ao machiavelico *sempre* do seu interlocutor, o mais sacudido e positivo *nunca* que elle até alli ouvira da boca das suas requestadas. Que differença d'este terminante desengano ás intenções em que eu a encontrára no verão anterior quando dizia:

Nem meu pae, nem minha mãe,
Nem duzentos confessores,
Já me tiram do sentido
De eu fallar aos meus amores.

Pois o Varatójo era d'alli a dois passos, e não faltavam por lá os confessores a quererem-lhe tirar do sentido o que só mais tarde a ingratidão conseguiria.

Ha nos campos uma cantiga, quasi aphorismo, que serve invariavelmente de norma aos negocios do coração, e que, exaggerada na pratica, transforma muitas vezes em inferno o paraiso dos mais bem fadados amores:

Quem tem pinheiro tem pinhas:
Quem tem pinhas tem pinhões;
Quem tem amores tem zêlos;
Quem tem zêlos tem paixões.

Auctorisado assim officialmente o ciume, fui não poucas vezes testimunha das suas ruins consequencias. No homem do campo ter zêlos significa... como hei de eu dizer que significa a intervenção justificada do regedor da parochia nos negocios da familia?! Pois ainda assim no campo não se entendem amores sem zêlos, e por isso se cae a miudo da poesia na prosa vilissima do antigo — aqui del-rei! — fórmula ainda por lá em vigor nos apuros que reclamam o auxilio da policia.

Se o amor toma em muitos casos as proporções da tragedia, tambem ás vezes descamba para o comico, e zombeteia em publico do primor melancolico que caracterisa a poesia amorosa. Ahi vae, escolhido de entre outros, um exemplo frisante de que ha tambem pelas aldeias quem escarneça do sentimentalismo poetico:

Já não ha quem queira dar
Um limão por um vintem,
Para tirar uma nodoa
Que este meu coração tem!

Alcunhar o amor de «nodoa», e só pôr dúvida no preço do correctivo que se lhe ha de applicar, é epigramma digno de um taful de botequim que deixou o coração aos pedaços pelos bastidores do theatro, ou pelas coxias do circo em que as amazonas campeiam.

Mas não rebaixemos a poesia saloia. Ahi pomos em seguida um coração de donzella daguerreotypado em quatro versos com a maxima candura dos quinze annos, e a mais desaffectada innocencia de um verdadeiro amor:

Sempre estás adeus, adeus;
Com esse adeus me mataes:
Queira Deus não digas tu
Adeus, para nunca mais!

Desconfiança e supplica mais modesta não creio eu que as possa expressar a poesia. Um adeus tão repetido póde ser eterno, e se o for... longe vá tal agoiro, como dizem os crentes em coisas más. A rapariga ha de ainda viver feliz e cantar para que todos a oiçam:

Eu hei de amar o meu bem,
Diga o mundo o que quizer;
Quem ama não quer conselhos,
Quer só tudo que o amor quer.

Citámos já n'este estudo uma quadra que podia servir de sentencioso fecho a um apologo, transcreveremos agora outra, como conselho dado a proposito a uma lingua sôlta que mordia no credito de todas as raparigas da aldeia, e que uma d'ellas vingou, vingando-se tambem a si, no seguinte lembrete:

Pelo ceo vae uma nuvem
Todos dizem bem a vi...
Todos fallam e murmuram,
Ninguem olha para si.

Bem myope devia ser o maldicente para se não ver através da nuvem, emendando-se do ruim sestro de assoalhar as fraquezas do proximo.

As perguntas artificiosas e enredadas, no intuito de difficultar as réplicas do contendor tido na aldeia por desembaraçado na linguagem das musas, são vulgares nos desafios poeticos da gente do campo. Quanto mais a interrogação é intempestiva, e rapida e des-

pretenciosa a resposta, mais certa e festejada é a victoria de quem na lucta se não deixou intimidar. Vejam aqui a simplicidade com que a modestia desfaz as capciosas armadilhas da inveja:

ELLE

Menina que tanto sabe,
Responda a esta pergunta:
Que sciencia tem o mar,
Que tanta agua em si ajunta?

ELLA

A sciencia que o mar tem
Não é coisa de pasmar;
Se não ha rio nem regato
Que não vá ao mar parar!

Já que trocámos as flores campestres pelas arrogancias do Oceano, reproduziremos aqui o doloroso anathema de um coração que, na incerteza das ondas e na perfidia dos baixios traz preso o seu cuidado, e da ausencia, que póde ser eterna, se lamenta n'esta sentida e magoada trova:

Mal haja quem inventou
No mar andarem navios,
Que esse foi o causador
Dos meus olhos serem rios.

Temos dado n'este rapido estudo cabal demonstração, quer da tendencia do nosso povo para o genero elegiaco, quer, ainda que excepcionalmente, para a mordacidade do epigramma e da satyra. Ahi vae ainda um exemplo de que a observação dos achaques do proximo serve mais vezes do que se julga de assumpto e estimulo á veia caustica dos poetas campesinos...

A cobra vae pelo monte,
Cuida que ninguem a vê...
Assim são os namorados...
Não digo isto por vossê...

A tanto Adonis semsaborão, que ahi por essas salas se inculca em phrase insonsa para marido, não conviria talvez, a saber usar d'ella, a finura d'este disfarçado requerimento:

Tanto limão, tanta lima;
Tanta silva, tanta amora;
Tanta menina bonita,
E meu pae sem uma nora!...

Para que ha de um sincero e franco amador de aldeia *gastar palavras em contar extremos*, se na concisão da poesia acha com que despicar-se das asiaticas lamurias de um rival desprotegido dos favores das musas? Se por acaso encontra no *bailarico* aquella que o traz enfeitiçado canta-lhe simplesmente:

Atirei um limão verde,
Á tua porta parou;
Se eu te q'ria bem ou mal
No limão se exp'rimentou.

Implorar a lealdade, e requerer a constancia da pessoa a quem se ama, é um logar commum em negocios do coração. Prometter um affecto eterno em troca de tão urgente supplica, é outra banalidade secular a que ninguem sabe ou quer esquivar-se. O que tem novidade no assumpto é pedir muito e não prometter nada:

Se eu tivera não pedíra
Coisa nenhuma a ninguem;
Eu por não ter é que peço
Lealdade a quem a tem.

Da mesma significativa franqueza é este formal desengano dado a tempo e a horas, a um impertinente amador que teimava em levar de vencida a rebeldia da sua requestada:

Se eu quizera bem podéra
Amar-te, querer-te bem;
Não posso porque não quero,
Não sou de enganar ninguem.

Instado para dar as razões de tamanho desapêgo, vê-se pela resposta da ladina rapariga, que eram fundados os motivos de tão desabrida recusa:

Vossê a mim não me leva
A contar-me maravilhas;
Foi vossê quem enganou
Sete mães, quatorze filhas.

Que contrastre entre a cautelosa desconfiança da nossa aldeã, e o ingenuo enthusiasmo de uma outra que dizia:

Se eu tivera papel de oiro
Comprava penna de prata,
Apurava os meus sentidos,
Escrevia-te uma carta!

Por estes excessos de phrase talvez alguem conjecture que era com filho de conde ou marquez que a boa da rapariga desejava corresponder-se. Pois engana-se quem tal pensa. É ella mesma que se vae denunciar, dizendo-nos quem era a modesta inspiração dos seus amorosos devaneios:

Andas morta por saber
Quem é o meu ramalhete;
E' um rapaz trigueirinho
Vestido de azul-ferrete.

Trigueirinho era elle, mas sabía dizer as coisas com tal primor, que merecer-lhe uma trova era honra a que aspiravam as raparigas todas do logar. Querem-n'o ouvir dirigindo-se áquella que momentos antes invejava ter *penna de prata* para lhe escrever? É o aspide escondendo-se entre as flores... da poesia. Leiam:

Quem me dera ser retroz,
Ou linha... de toda a côr,
Para andar junto ao teu peito
Servindo de atacador.

Antes este sincero desejo, a poder realisar-se, do que as tristezas da ausencia manifestadas por outro sonhador da aldeia na seguinte quadra:

Meu coração é relogio,
Minh'alma dá badaladas;
No dia que te não vejo
As horas trago contadas.

Archivando, como temos feito, as poeticas expansões da nossa gente do campo, chegâmos a receiar que as gralhas em tempo opportuno se vistam com as pennas do pavão, e que algum estulto choramigas dê por suas, em almiscarada epistola, as alheias melancolias. Apesar d'este nosso fundado receio, não podêmos resistir á tentação de citar ainda algumas quadras em que os Tibullos populares se lastimam dos rigores da sorte, e se resignam ás violencias da ingratidão e do perjurio:

Alecrim, que és rei das flores,
Já meu peito foi teu vaso;
Tens agora outros amores,
Já de mim não fazes caso.

(Continua) L. A. Palmeirim.

182